

QUINZE  
DIRECTORS' FORTNIGHT  
CANNES 2016

UM FILME DE  
MARCO BELLOCCHIO

# SONHOS COR-DE-ROSA

FAI BEI SOGNI



BÉRÉNICE BEJO

VALERIO MASTANDREA



Turim, 1969. A infância idílica de Massimo, um menino de 9 anos, é pulverizada pela misteriosa morte da mãe. O rapaz recusa-se a aceitar a brutal perda, ainda que o padre lhe diga que a mãe está no Céu. Anos mais tarde, na década de 90, o Massimo adulto é um jornalista bem-sucedido. Depois de uma reportagem sobre a guerra em Sarajevo, começa a ter ataques de pânico. Quando começa a tratar da venda da casa dos pais, Massimo é obrigado a regressar ao seu passado traumático. Mas a compreensiva Dra Elisa pode ajudar o atormentado Massimo a abrir-se e a confrontar as suas feridas de infância...

Numa adaptação da obra homónima de Massimo Gramellini, o filme de Marco Bellocchio aborda o drama pessoal que condicionou toda a vida do seu autor. O livro foi um fenómeno editorial em Itália com um milhão de exemplares vendidos.

“Mais do que pelo facto de ser um *best-seller*, foi o tema que me convenceu, o drama que ele encerra: a morte da mãe, o ficar-se órfão ainda em pequeno. A dor de Massimo, que aos 9 anos perde a sua mãe adorada (e adorada porque os une um amor recíproco, absoluto e exclusivo), a sua revolta contra a tragédia injusta, e por fim – com o correr do tempo – a sua capacidade de sobreviver a essa perda incompreensível. Uma capacidade que lhe sai caro, uma vez que obscurece e reduz a sua capacidade de amar. Ela apaga, ela suprime, causando estragos que se prolongam até à adolescência e permanecem na sua vida de adulto. Até que circunstâncias complexas e encontros – *a priori* fortuitos – começam a penetrar a couraça da sua indiferença. Massimo, entretanto um jornalista bem-sucedido, “desperta” e enfrenta novamente a dor “original”, num verdadeiro golpe de teatro que não pode ser aqui revelado (...)

Esta história comoveu-me muito, pois evoca numerosos temas já abordados por mim em filmes anteriores... A família, a mãe (destruída no verdadeiro sentido da palavra, literalmente assassinada), o pai, a casa onde se desenrola metade do filme, as diferentes épocas – trinta anos, pelo menos – durante os quais a Itália muda radicalmente, incluindo para lá das janelas...

E por fim, Roma, Sarajevo, Turim, a Itália vista e vivida por aquele que exerce a profissão de jornalista. Massimo é jornalista num diário nacional importante. O que significa ser jornalista, cronista da realidade, testemunha distante e fria ou, pelo contrário, querer transformar-se numa espécie de intérprete apaixonado? Esse é também um tema, uma questão a que o filme procurará responder.” – **Marco Bellocchio**

Da revolta adolescente perante instituições religiosas à subversão política, o realizador italiano Marco Bellocchio tem explorado as contradições sociais e políticas do seu país. A sua prolífica carreira de 50 anos tem-se entretido fortemente com as complexidades e discrepâncias da história italiana. Os trabalhos de Bellocchio têm um forte cunho político e atacam amiúde símbolos do conformismo italiano. O seu filme de estreia de 1965, o sombriamente engraçado *FISTS IN THE POCKET*, sobre um adolescente em plena crise existencial, é geralmente considerado como precursor da revolta juvenil que abanou os alicerces da sociedade italiana. Ao longo dos anos 70, o cinema de Bellocchio explorou o alvoroço político da época. Em 1971, denunciou a religião com *IN THE NAME OF THE FATHER*; em 1976, o exército com *VICTORY MARCH*. Dos anos 80 em diante, os filmes de Bellocchio têm feito por se reconciliar com um passado pessoal e politicamente turbulento. O realizador tem questionado ideologias e questões morais e lutado por dar sentido aos motivos dos seus personagens. Tem confrontado o conflito entre a Igreja e a esquerda radical sem tomar um posicionamento. A sua obra proporciona um estudo rico, fascinante e humano da vida italiana, tanto no plano moderno como no histórico. Em 2011, no Festival Internacional de Cinema de Veneza, Bellocchio recebeu o Leão de Ouro pelo conjunto da sua carreira.



Marco Bellocchio explora com elegância as recordações de um jovem dilacerado por um drama familiar. **Le Monde**

As cenas que precedem a revelação final do segredo reúnem-se, ganham sentido e ordenam-se uma vez revelado o segredo, aflorando por fim a consciência do filme, tingidas por uma majestosa e trágica nostalgia – a nostalgia do início do filme, que equivale à do início da vida. **Libération**

*SONHOS COR-DE-ROSA* é uma ode inebriada de amor materno, algo como uma ópera íntima, que permite terminar 2016 num casulo melancólico e lanudo. E com uma conclusão que nos convém muito bem: para ter sonhos-cor-de-rosa, há que abrir os olhos. **Première**

Um filme apaixonante (...) magnificamente filmado que atesta um domínio profissional da realização e da capacidade que Bellocchio tem de criar uma emoção profunda. **Les Inrocks**